

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT10.046

## **DIALOGICIDADE E ESPERANÇA FREIREANA: POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE PESSOAS SURDAS**

Elyane Cavalcanti dos Reis<sup>1</sup>  
Josaniel Vieira da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O trabalho propõe fazer algumas reflexões teóricas sobre pesquisas na área da surdez, num possível diálogo com as ideias de Paulo Freire (1921-1997). O motivo da escrita e análise desse tema parte de uma proposta de pesquisa no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) – UPE – Universidade de Pernambuco. O Objetivo é compreender como e por que as ideias de Paulo Freire sobre diálogo e esperança podem contribuir para o entendimento da inclusão como forma de inserção dos indivíduos surdos excluídos nos diversos espaços educativos. A metodologia empreendida buscou nos Banco de Teses e Dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, projetos concluídos que tematizem a surdez em diálogo com as ideias Freiriana em comunicação com o esperar no marco temporal 2019 a 2024. Iniciamos a pesquisa com o descritor Paulo Freire

- 1 Mestranda do Curso de Educação Inclusiva da Universidade de Pernambuco-UPE Pelo Programa de Curso de Mestrado Profissional em rede nacional-PROFEI. Especialista em Educação Inclusiva da Pessoa Surda (FACHO). Pedagogia (UFPE). Professora Intérprete de Libras na rede Municipal de Ensino do Cabo Santo Agostinho-PE. [elyane.creis@upe.br](mailto:elyane.creis@upe.br).
- 2 Prof. Adjunto da Universidade de Pernambuco/UPE. Docentes dos Programas de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) e do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado profissional/ UPE-Mata Norte. [josaniel.vieira@upe.br](mailto:josaniel.vieira@upe.br) - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6878634906982235>

e Surdez. Com a identificação dos projetos encontrados foi realizada uma análise de conteúdo quantitativa-qualitativa exploratória. Por ora, os resultados da investigação mostram que a pandemia da COVID-19 impactou na realização de pesquisa nesse período e as contribuições de Paulo Freire nas pesquisas são olhares com propostas inovadoras, protagonizando autores e comunidades. Os trabalhos trazem a dimensão do afeto e a humanização com concepções de dialogicidade, criticidade. De modo geral, contextualizam os processos de ensino e aprendizagem para estudantes surdos com reflexões sobre a deficiência, emancipação e compromisso social com o saber. A pesquisa também sugere incentivo político para realização de mais pesquisas na Educação Inclusiva da Pessoa Surda.

**Palavras-Chave:** Educação inclusiva; Pessoa surda; Paulo Freire; Dialogicidade; Esperança.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação de pessoas surdas passou por avanços e retrocessos ao longo de sua história. No Brasil, um marco para iniciar a educação inclusiva para a pessoa surda é a fundação da primeira escola para surdos, no dia 26 de setembro de 1857. Por isso, o dia da pessoa surda é comemorado nessa data pela lei nº 11.796 de 2008. Entretanto, o retrocesso que estabeleceu para a educação para pessoas surdas estagnar, e não evoluir, foi a obrigatoriedade do oralismo.

Isso fez as pessoas surdas passarem por várias situações que limitavam a prática oralista de modelos médicos de saúde voltados à normatização da surdez. Nesse contexto, a pessoa surda precisava se adequar a práticas oralistas para corrigir a deficiência auditiva.

Os surdos precisavam sofrer para aprender a todo o custo, a falar e a fazer leitura labial. Foi notório a falta de avanços na educação deles com o oralismo. As pessoas surdas tinham muitas dificuldades para conseguir alcançar um patamar de sucesso na comunicação. A partir dessa avaliação, surgiram novas reflexões sobre a surdez. Assim, a pessoa surda passou a ser compreendida como alguém que precisa de uma língua visuoespacial e acessibilidade linguística, com intérprete de Libras para intercambiar uma cultura surda e ouvinte.

Um marco extremamente importante para a educação inclusiva das pessoas surdas foi o reconhecimento da língua brasileira de sinais a Libras, por meio da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. A partir dessa legislação, o Brasil se movimentou para a promoção de políticas públicas voltadas à acessibilidade comunicacional, sobretudo nas políticas educacionais. As comunidades surdas, como as minorias linguísticas, estiveram sempre presentes, protagonizando essas conquistas e mobilizando ações para a garantia desses direitos.

Apesar de muitos avanços, a educação para pessoas surdas ainda está em etapas rumo à emancipação. Uma das superações é conseguir minimizar as barreiras da acessibilidade educacional. Afirmar a visibili-

dade das pessoas surdas para seu protagonismo, garantir a inclusão da Libras nos currículos das escolas, sustentar material de acessibilidade para o estudante surdo, assegurar formação continuada para os docentes e promover uma pedagogia visual que possa facilitar o acesso das aprendizagens dos estudantes, com professores surdos que seja nativo da sua língua e cultura, fortalecendo assim a identidade e cultura surda.

O modo capacitista como as pessoas surdas foram tratadas historicamente, ainda está em processo de superação, com novas concepções sobre a surdez. A pessoa surda passa a ser compreendida não pela ausência do som e da audição, mas pela diferença linguística, social e cultural.

Diante dessa trajetória da educação das pessoas surdas, se pode supor que novas reflexões e estudos que fortaleçam o debate sobretudo em espaços acadêmicos são necessários. Para isso, iniciasse a conversa de pesquisa com Paulo Freire. Suas reflexões pedagógicas muito podem contribuir para uma educação inclusiva da pessoa surda. Elaborasse, então, o seguinte problema: O que as pesquisas realizadas entre 2019 e 2024 têm abordado sobre a surdez e a inclusão, tendo como marco teórico o pensamento Freire?

Objetivo geral desse estudo é entender como o pensamento de Paulo Freire pode contribuir para uma educação inclusiva da pessoa. Objetivos específicos: identificar pesquisas sobre surdez e Paulo Freire, analisando os aspectos de protagonismo, do diálogo e do saber surdo. O presente trabalho tem a intenção visa romper olhares tradicionalistas, onde o professor é dono do saber, do conhecimento. Compreender que a educação é uma vivência coletiva, na qual tanto os estudantes quanto os professores são colaboradores na construção do conhecimento. Por isso, buscamos uma perspectiva anticapacitista sobre o sujeito surdo. Outra busca importante da nossa pesquisa é o diálogo como uma ferramenta de participação, aprendizagem, respeito e afetuosidade, que propaga a pedagogia freireana.

Acredita-se que podemos fortalecer o debate acadêmico, social e cultural, estimular novas reflexões sobre a pedagogia freireana, dar visi-

bilidade às pessoas surdas em sua luta pela acessibilidade e direitos, e divulgar que a escola pode e é um lugar de inclusão efetiva. Assim, vamos ampliando os conhecimentos na área da surdez com as teorias freireanas, preenchendo lacunas de estudos que existem na educação e sobretudo na educação de pessoas surdas.

## 2 METODOLOGIA

Essa investigação é motivada por uma proposta de pesquisa de mestrado profissional no Curso de Educação Inclusiva da Universidade de Pernambuco, intitulada: O diálogo como ferramenta da prática educativa ao direito de aprender à luz de Paulo Freire (1921-1997). Significa uma oportunidade para aprofundar os conhecimentos sobre a surdez não apenas como condição sensorial, mas como experiência cultural, linguística e política, promovendo o envolvimento crítico e reflexivo do pensamento freireano nas produções acadêmicas.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa, classificada como qualitativa com caráter exploratório e documental, propõe um olhar investigativo e reflexivo sobre publicações acadêmicas disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, com o recorte temporal de 2019 a 2024. O intuito do presente trabalho foi identificar contribuições que dialoguem com a surdez, a Libras, a inclusão e o pensamento freireano. Em especial, se é interessante analisar como os princípios do diálogo e da pedagogia libertadora de Paulo Freire têm sido mobilizados como fundamentos teóricos e metodológicos para a construção de práticas educativas mais inclusivas e humanas.

O descritor mais assertivo para o objetivo da nossa busca foi: Paulo Freire e Surdez. Nesse contexto, foram encontradas 05 dissertações e nenhuma tese. A partir disso foi realizado um levantamento quantitativo e qualitativo dos trabalhos encontrados. Das 05 dissertações, 02 não estavam disponíveis em sua versão completa, mas obteve-se acesso ao resumo.

Foram analisados os resumos dos trabalhos. Os critérios para inclusão para a pesquisa foi: a) tivessem relação direta entre o pensamento freireano e a educação de pessoas surdas; b) estivessem disponíveis integralmente ou com resumos substanciais, c) estivessem classificadas nas áreas de Educação, Letras ou Ciências Humanas. Devido ao número muito baixo sobre o perfil de pesquisa que foi orocurado, não foi preciso estabelecer critérios de exclusão.

A leitura dos resumos para identificar pertinência, foi guiada por critérios que emergiram da leitura exploratória e que estão intrinsecamente relacionados aos fundamentos freireanos e aos objetivos da pesquisa. Pré-análise com seleção dos temas mais relevantes. Codificação com base nos eixos temáticos, organização dos dados por abordagem metodológica dos estudos, ferramenta de análise

O instrumento de análise da pesquisa fundamenta-se na técnica de análise de conteúdo temático de Bardin (2011). Inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante dos resumos, seguida por uma leitura aprofundada para a pré-análise e a construção de um *corpus* de análise. Posteriormente, procedeu-se à exploração do material, com foco na identificação de unidades de registro e contextos. A categorização foi realizada a partir dos critérios emergentes mencionados com uma abordagem sociocultural da educação de surdos (metodologia, regionalidade brasileira, autores, afeto/humanização, diálogo/política, protagonismo surdo, emancipatório e esperançoso da pesquisa educacional) buscando organizar e sintetizar os achados em categorias temáticas relevantes.

Integrar as perguntas: a análise dos achados visou identificar pontos em comum e divergências com a proposta do mestrado, utilizando perguntas norteadoras de comparação e observação, tais como: qual a contribuição do pensamento freireano para o processo de inclusão da pessoa surda? Como a surdez é abordada (condição sensorial / experiência cultural/linguística)? E de que forma o diálogo freireano é mobilizado nas práticas educativas descritas? Essas perguntas auxiliaram na sistematização dos dados e na construção das categorias temáticas.”

Esta abordagem metodológica, de caráter investigativo e qualitativo, busca não apenas identificar, mas também analisar criticamente as contribuições do pensamento freireano para a educação inclusiva de pessoas surdas, fortalecendo a compreensão da surdez como uma experiência rica em dimensões culturais, linguísticas e políticas.

### **3 IN(EX)CLUSÃO DA PESSOA SURDA E O DIÁLOGO FREIREANO: IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Para iniciar o diálogo sobre a inclusão da pessoa surda, prioriza-se trazer a experiência da própria pessoa surda. Nesse sentido, aqui se apresentará as ideias de Strobel (2016). A autora retrata um olhar da pessoa surda sobre a sua própria cultura no processo de inclusão escolar na cultura ouvinte: a percepção de ser surda nesse contexto de Educação Inclusiva, suas reflexões sobre a importância da cultura na educação e como as pessoas surdas se sentem quando não alcançam a comunicação, um sentimento de ser um estrangeiro em sua própria terra natal. Outro sentimento trazido pela autora é a insegurança na comunicação e na leitura labial, a vergonha de não entender.

Strobel (2016) emociona, porque a autora consegue fazer você entender como é não acessar a cultura das pessoas que lhe rodeiam, a família, a escola, e principalmente, a sociedade em geral. Traz a importância de pertencer a uma comunidade surda, contextualizando com o processo histórico da educação de surdo e a obrigatoriedade da oralidade. A autora defende que é importante o intérprete de Libras no ambiente educacional para acessibilidade linguística da pessoa surda. Em seus relatos, pode-se perceber momentos em que ela se sentiu excluída e entendemos o seu sofrimento. A palavra in(ex)clusão expressa um duplo sentido: às vezes, a pessoa surda pode se sentir excluída na inclusão. A inclusão da pessoa surda é ser respeitada em sua diferença cultural de ser, de viver e existir, assim como o reconhecimento da sua identidade e cultura.

A forma como Strobel (2008) expõe a educação de pessoas surdas precisa contar com professores surdos nos sistemas de educação, garantir a presença do intérprete de Libras nas escolas, e promover maior respeito sobre a cultura surda, identidade e artefatos surdos na cultura inclusiva. Todos esses relatos de experiências sobre ser surdo são importantes para refletir como podemos melhorar a educação inclusiva para as pessoas surdas.

Apesar do reconhecimento do direito à Libras como língua natural, ainda existe uma herança marcante do modelo médico que ainda obriga as famílias a aceitarem uma tentativa de normalização da surdez, fazendo que os estudantes surdos passem por tratamento de fonoterapia e outras terapias. Entretanto, apesar de várias possibilidades e alternativas, a língua Brasileira de sinais é uma possibilidade assertiva na inclusão de pessoas com surdez.

A Comunidade surda é um coletivo de pessoas surdas e ouvintes que interagem sobre a cultura surda como espaço de identidade. Como minoria linguística no Brasil precisa resistir ao padrão de normalização cultural e interagir com uma cultura bilíngue. Como *ressalta* Gianotto (2020, p. 75):

Isto posto, analisamos que todas as conquistas para cada comunidade surda são resultado de uma herança linguística que resistiu ao tempo, às imposições linguísticas e ao isolamento e invisibilidade social. Não fosse aqueles tempos sombrios que visavam a ocultação da pessoa com deficiência em sociedade, teríamos, na tabela cronológica, um extenso rol de surdos protagonistas e, conseqüentemente, representantes socialmente.

As pessoas surdas podem e devem ter autonomia para transitar e resolver problemas de forma autônoma e independente. No entanto, muitas vezes, precisam do apoio de um intérprete de Libras, e o acesso a esse serviço em instituições ainda está se tornando acessível.

Para conseguir acessibilidade, precisam contratar alguém para ajudar, tornando-se dependentes da comunidade surda. Caso contrário, serão excluídas. Com essa experiência, pode-se perceber como é difícil

ser um “estrangeiro” em sua própria terra natal. As barreiras na comunicação geram um sentimento de não pertencimento, por isso é fundamental construir oportunidades onde as pessoas surdas possam ser ouvidas, escutadas e acolhidas no seu próprio país. A seguir se apresenta um trecho que dialoga politicamente com essa necessidade.

De acordo com a Lei nº 10.098/2000, é necessário que os estabelecimentos de saúde implementem medidas que garantam a acessibilidade comunicacional, incluindo a presença de intérpretes de Libras e a capacitação contínua dos profissionais (Brasil, 2000). No entanto, na maioria dos casos, o atendimento à comunidade surda nas UBS ainda é altamente dependente de familiares ou amigos que atuam como intérpretes improvisados, o que pode comprometer a precisão e a clareza das informações de saúde (Souza, Silva, Lira 2024, p. 114).

A comunidade surda é um espaço de pertencimento da cultura surda, é uma referência onde o indivíduo se fortalece para ingressar nos espaços sociais e participar, interagir, ter visibilidade para conquistar direitos, sobretudo garantir a comunicação, o respeito e o acesso. Certa vez, durante uma Conferência Municipal de Educação, uma pessoa surda solicitou ajuda para obter uma declaração de participação no evento, a fim de justificar sua ausência no trabalho. Foi informada de que o documento só seria entregue ao final do evento. Após algum tempo, a pessoa comunicou que estava indo embora, pois o evento não oferecia acessibilidade, não havia intérprete de Libras.

Essa crítica foi registrada na conferência, destacando a ausência de acessibilidade comunicacional e o desrespeito aos direitos das pessoas surdas. Atualmente, cresce a preocupação em garantir intérpretes em eventos, mas isso ainda não ocorre de forma universal, mesmo em eventos públicos. No entanto, a acessibilidade comunicacional vem se tornando mais comum, tanto para pessoas surdas quanto cegas com audiodescrição.

É fundamental que as pessoas surdas participem desses espaços sociais, exijam seus direitos e cobrem acessibilidade comunicacional. A busca por visibilidade, reconhecimento, respeito, políticas de inclusão e financiamento deve ser contínua.

As ideias de Paulo Freire contribuem para a concepção de uma educação anticapacitista para a educação inclusiva, porque oferecem reflexões pautadas na autonomia, na prática da liberdade, na afetuosidade, no saber coletivo e no diálogo. Com isso, há crítica à tradicionalidade e a superação do modelo bancário de educação.

O diálogo como ferramenta de aprendizagem já é pauta da Base Comum Curricular. O processo de ensino e aprendizagem é sugerido como a interação entre o conhecimento, o estudante, o docente e os recursos interativos. Em competências específicas de linguagens para o ensino fundamental. A diante se encontrará um trecho da BNCC que traz sugestão e reforça a importância do diálogo.

3- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BNCC, 2018, p. 67).

O documento expõe as variedades de formas de interagir. Traz a importância de quebrar paradigmas tradicionais da educação e promover uma educação com mais participação dos estudantes, que permita até os conflitos de ideias, uma educação problematizadora. Com isso sugere-se aos professores em suas práticas de trabalho a seguinte recomendação: “(...) Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes” (BNCC, 2018, p. 224).

O diálogo poderia ser classificado como uma ação simples e fácil no contexto educacional. Entretanto, existem significados complexos. Quando abrimos oportunidade para o diálogo, estamos oportunizados a troca de saberes e o respeito ao outro, mas, ao mesmo tempo, abrindo oportunidade para gerar conflitos de ideias e emoções diversas. O diálogo pode direcionar para conclusões inusitadas, que podem fugir do controle de mediação do docente. Concentrar o poder de fala sobre o professor é uma estratégia de normalização de culturas educacionais tradicionais,

como figura de respeito, autoridade, poder, soberania, ao mesmo tempo limitar conflitos e desordens.

Freire (1992, p. 23) narra uma experiência sua sobre um diálogo, que partiu para uma situação que o inquietou. “Depois da aceitação, começamos um diálogo vivo, com perguntas e respostas de mim e deles a que, porém, se seguiu, rápido, um silêncio desconcertante”. No processo de construção dos conhecimentos dialéticos, várias situações racionais e emocionais podem acontecer, inclusive situações incômodas e inesperadas, que tornam parte do processo de observação e reflexão, gerando a experiência daquele contexto para o professor. Lidar com o diálogo não é uma tarefa simples, a nossa educação, tradicionalmente, não nos prepara para

o poder de falar. Na maioria das vezes, somos muito tímidos, não conseguimos nos expor, falar a nossas ideias, contra-argumentar, defender ideias, causas. Nossos professores também são como nós: têm dificuldade de romper com a postura tradicional, apesar de defendermos todos os princípios de uma educação democrática.

Apesar disso, Paulo Freire dialoga sobre o diálogo de uma forma ampla com base na estrutura hierarquizada da sociedade. Ele trata o diálogo como uma relação de poder, portanto administrado com uma dose de limitação. Na escola, Freire defende que, como uma realidade possível, cabe ao docente ter uma flexibilidade de ruptura com a lógica da relação do poder tradicional. Como podemos perceber nesse diálogo.

Há igualmente limites para o diálogo. Porque numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e artil astuto quando parte do opressor. Numa sociedade dividida em classes antagônicas não há condições para uma pedagogia dialogal. O diálogo pode estabelecer-se talvez no interior da escola, da sala de aula, em pequenos grupos, mas nunca na sociedade global. Dentro de uma visão macroeducacional, em que a ação pedagógica não se limita à escola, a organização da sociedade é também tarefa do educador. E, para isso, o seu método, a sua estratégia, é muito mais a desobediência, o conflito, a suspeita, do que o diálogo. A transparência do diálogo é substituída pela suspeita crítica. O papel do educador de um

novo tempo, do tempo do acirramento das contradições e do antagonismo de classe, o educador da passagem, do trânsito, é mais a organização do conflito, do confronto, do que a ação dialógica (Freire, 2013, p. 08).

O autor deixa evidente que a abertura do diálogo pode tanto ser consensual quanto conflituosa. O conflito é algo que acontece na escola de forma espontânea. Porém, é um comportamento que a escola lida com diálogo e disciplina. Na maioria das vezes, as orientações pedagógicas são para a harmonização das ideias, das relações sociais e emocionais. Lidar com o conflito é uma aprendizagem social; é na escola que adquirimos competências sociais como essa. O professor, além de passar o conteúdo da sua aula, precisa estar preparado para situações inusitadas que podem surgir com uma turma de diversidades de estudantes. Outro tema interessante que Freire aborda é a problemática do saber, caracterizado em várias dimensões: popular, acadêmico, escolar, social, político, democrático, entre várias categorias. Podemos limitar um saber. Entretanto, Freire evidencia o saber popular como base científica para potencializar os saberes, tais como científicos e acadêmicos. O saber construindo, são realidades dialogadas, são verdade temporárias, que formam o caráter, a personalidade e a cultura. Na seguinte citação, podemos compreender as críticas de Paulo Freire, sobre a desvalorização do saber popular e sua ideia de que o saber comum precisa ser argumentado.

Parecem óbvias as preocupações que este texto sobre o ato de estudar revela – a ele combater, por exemplo, a posição ideológica, por isso mesmo nem sempre explicitada, de que só se estuda na escola. Daí que seja ela, a escola, considerada, deste ponto de vista, como a matriz do conhecimento. Fora da escolarização não há saber ou o saber que existe fora dela é tido como inferior sem que tenha nada que ver com o rigoroso saber do intelectual. Na verdade, porém, este saber tão desdenhado, “saber de experiência feito”, tem de ser o ponto de partida em qualquer trabalho de educação popular orientado no sentido da criação de um conhecimento mais rigoroso por parte das massas populares (Freire, 2021, p. 06).

O conceito de “esperançar” também é facilmente encontrado em movimentos sociais que buscam novas possibilidades e realidades polí-

ticas, sobretudo em ambientes educacionais como sindicatos da classe trabalhadora em Educação. Entretanto, essa palavra gera conflito, porque o seu significado não se encontra no dicionário. O verbo esperar, é uma palavra criada sobre uma lógica reflexiva de quem busca algo e é movido por uma esperança.

A esperança para Freire é associada à luta política, porque quando estamos em grupo em prol de uma necessidade coletiva, temos esperança de uma realidade inédita. Um sonho coletivo pode se tornar uma realidade com mais força do que o desejo individual. Freire (2013, p. 160): “A esperança tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partejar novas lutas em outros níveis.”

Para as comunidades surdas, há muitos sonhos, esperanças, inquietudes que movem em coletivo, ações do esperar. Uma pedagogia visual, a valorização dos artefatos da cultura surda, a identidade surda, são várias especificidades que já vêm sendo dialogadas como emancipação da inclusão e do acesso na educação bilíngue. Assim como defende Strobel (2008) sobre a afirmação da Libras, fortalecimento da identidade surda.

Um sistema educacional inclusivo é um sonho coletivo, onde cada pessoa é protagonista da sua história e vivência a realidade melhor possível. Porque a inclusão para todos ainda é uma utopia, idealizada pela comunidade escolar, na promoção da inclusão. A esperança é o que move o cotidiano inclusivo. Acredita-se, talvez, na superação do capacitismo, na amplitude das políticas educacionais, no investimento vasto de recurso didático e na valorização profissional: o dia onde a educação vai deixar de ser gasto para ser investimento. E a luta da comunidade surda dialoga com todas as pautas da luta por uma educação inclusiva.

#### 4 PESQUISAS ANALISADAS

As pesquisas de dissertação que abordam a inclusão de estudantes surdos a partir de referenciais críticos e freireanos registram-se a partir

de 2019. Logo após esse período, a pandemia da COVID-19 (2020–2022) impactou significativamente o cenário educacional e a produção científica, especialmente na área da Educação Inclusiva, o que gerou obstáculos ao desenvolvimento de novas investigações.

No Brasil, as instituições pioneiras na produção de dissertações que articulam o pensamento de Paulo Freire com a educação de pessoas surdas foram: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Essas instituições, situadas nas regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, concentraram, no período analisado, as poucas pesquisas identificadas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, nas áreas de Educação, Ensino, História e Letras, com destaque para os campos das Ciências Humanas e Linguísticas.

Das cinco dissertações localizadas, três (Cardoso, 2019; Martins, 2019; Miguel, 2019) foram defendidas antes da pandemia. Duas dissertações só tivemos acesso ao resumo (Miguel, 2019 e Almeida, 2022), foi realizada durante o período pandêmico, com registros explícitos de como a crise sanitária afetou o planejamento e a execução da pesquisa. A quinta dissertação (Aquino, 2023) foi finalizada no período de transição pós-pandemia.

Uma análise dessas produções revela que elas adotam uma abordagem sociocultural da educação de surdos, evidenciando a centralidade da relação entre o estudante e sua comunidade na construção do conhecimento. Destaca-se, sobretudo, a valorização do protagonismo surdo, entendido como o reconhecimento da pessoa surda como sujeito ativo e autor de sua própria história. As dissertações analisadas ressaltam a importância da participação consciente dos estudantes no seu contexto político, cultural e social, em consonância com os princípios da pedagogia freireana.

Do ponto de vista metodológico, é marcante o uso de estratégias participativas, como oficinas, entrevistas, observações com registro audio-

visual e pesquisa-ação, com forte ênfase na dialogicidade como princípio norteador da construção do conhecimento. O diálogo, mais do que uma técnica, é compreendido como uma atitude ética e política, central à prática pedagógica libertadora de Freire. Tais elementos reforçam o compromisso com a autonomia dos sujeitos envolvidos e com a promoção de práticas inclusivas críticas e transformadoras.

Nas estruturas de práticas de pesquisas, observou-se uma predominância de abordagens qualitativas, pautadas na escuta atenta aos sujeitos envolvidos, no respeito aos contextos sociais e na valorização da experiência vivida. As práticas educativas descritas nas investigações são contextualizadas com escolas, onde duas delas eram nomeadas pelo intelectual Paulo Freire. Tanto as instituições de ensino, quanto os autores, demonstram na dissertação um pensamento político que se alinha com a base teóricas da pesquisa.

Embora o número de produções seja reduzido, observa-se um denominador comum nas pesquisas analisadas: o reconhecimento da importância da criticidade, da autonomia, da dialogicidade e do protagonismo surdo no processo educativo. Ainda assim, persiste na literatura acadêmica uma visão tradicional e, por vezes, capacitista sobre a educação de surdos, o que evidencia a urgência de ampliar as investigações com base em referenciais críticos e emancipatórios.

As experiências analisadas também demonstram o potencial emancipatório e esperançoso da pesquisa educacional quando centrada nos sujeitos surdos e na sua realidade social. O diálogo, o reconhecimento dos conflitos e a busca coletiva por soluções emergem como estratégias centrais, abordando várias possibilidades do diálogo que vai para além da voz e traz dimensões do visual, como evidência Cardoso (2019):

Esta é uma escrita-pesquisa compassada como movimentos-experiências, com os quais aqui diálogo e que arrisco expressar através de desenhos, rabiscos, imagens, narrativas e microrelatos... composições que tencionam expor aquilo que me passa pelo corpo e que dialogam visualmente com quem compartilha esta pesquisa-escrita, arriscando a tentativa de vivenciar comigo também algumas impressões.

No relacionamento humano, na troca, na interação do diálogo, dos saberes, existe o afeto, afetuosidade é uma tendência maior para experiência positiva. Mesmo quando há conflitos, o coletivo busca uma harmonização por meios de algumas estratégias como o reconhecimento de desculpas pela consciência observada, seja pelo respeito ao outro ou pelo bem comum. Na experiência de pesquisa de Cardoso 2019, ela relata que: “Nesses momentos de oficina com o corpo, os gestos de afeto se mostram mais presentes que os conflitos narrados por aqueles que habitam a escola”.

As pesquisas demonstram, ainda, que a convivência comunitária e o engajamento político cultural dos estudantes surdos são elementos essenciais para o desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica e da esperança como motor de transformação. Tais aspectos reforçam a importância de se construir práticas educativas que considerem a especificidade histórica, social e cultural desses sujeitos.

## 5 ABORDAGEM DA SURDEZ

Outro ponto comum entre as produções analisadas é a crítica contundente ao modelo medicalizante da surdez. Em lugar de tratar a surdez como um déficit a ser corrigido, as pesquisas se alinham à perspectiva socioantropológica, que entende a surdez como diferença cultural e linguística. Essa mudança de paradigma implica o reconhecimento da pessoa surda como sujeito de direitos, portador de uma identidade própria e pertencente a uma comunidade linguística específica.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocupa lugar de destaque como eixo estruturante da aprendizagem e instrumento fundamental de mediação pedagógica. A Libras não é apenas um recurso adaptativo, mas a língua de instrução, sendo essencial nos processos educativos. Sua centralidade nos contextos de ensino reforça o compromisso com a educação bilíngue e com a valorização da cultura surda. Como ressalta Aquino 2023, p. 57.

Neste ínterim, é necessário fazer um destaque no tocante à pessoa surda. Do ponto de vista clínico, apesar de este não representar o escopo de nossa pesquisa e ótica sobre o tema, cabe ressaltar que, independentemente do grau da perda auditiva, mas no que concerne à identidade surda, a LIBRAS será, para seus usuários, língua materna, sendo o português a segunda língua, conforme preconiza a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a LIBRAS como forma de comunicação oficial. O óbvio, pois se a língua é meio de comunicação e a partir dela nos conectamos ao mundo, devemos fincar relações com a linguagem que nos proporciona essa autonomia.

Em vista disso, verificamos que todas as pesquisas apresentam forte compromisso com a inclusão escolar e social das pessoas surdas. As propostas pedagógicas buscam romper com as barreiras comunicacionais e metodológicas historicamente impostas a esses estudantes, promovendo ambientes acessíveis, colaborativos e sensíveis às especificidades de aprendizagem da população surda. O caráter inclusivo, portanto, transcende o discurso e se concretiza em práticas que visam à equidade e ao protagonismo do sujeito surdo.

Dessa maneira, pode-se concluir que as pesquisas analisadas não apenas contribuem para o campo da educação inclusiva e dos estudos surdos, mas também reafirmam a atualidade do pensamento freiriano como base teórica e ética para uma educação comprometida com a justiça social, a diversidade e a emancipação dos sujeitos historicamente marginalizados.

## 6 CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FREIREANO

Essas investigações abrem um campo promissor para novas reflexões sobre a educação de surdos, a educação bilíngue, a acessibilidade comunicacional e o papel da ciência da educação na promoção da equidade. Apesar das limitações estruturais enfrentadas pela escola pública brasileira, como aponta Freire (1992, p. 21), a ação política, o engajamento social e a esperança crítica são caminhos possíveis para a transformação:

Creio importante chamar a atenção nesta altura para algo que se acha enfatizado na Pedagogia do Oprimido: a relação entre a clareza política, a leitura do mundo e os níveis de engajamento no processo de mobilização e de organização para a luta, para a defesa dos direitos, para reivindicação da justiça.

Mesmo diante de conflitos internos e externos às instituições educacionais, a resistência e a luta das minorias sociais, incluindo as pessoas surdas, continuam a impulsionar o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva, crítica e esperançosa. A problematização, a dialogicidade e o protagonismo surdo permanecem como caminhos legítimos e necessários para a superação das desigualdades e para a construção de uma escola verdadeiramente democrática e acessível a todos.

As contribuições do pensamento freireano para o processo de inclusão da pessoa surda, conforme evidenciado nas pesquisas analisadas, revelam uma concepção de estudante como ser pensante, atuante e protagonista do seu próprio processo de ensino-aprendizagem. Essa visão rompe com a lógica assistencialista e capacitista que ainda persiste em muitos espaços educacionais, nos quais as pessoas com deficiência, inclusive as surdas, são frequentemente subestimadas devido a preconceitos, desconhecimento, barreiras socioculturais e descredibilização de seus saberes.

O respeito aos saberes construídos nas vivências da comunidade surda, seus valores, sua língua (Libras), sua identidade e cultura representam um posicionamento ético e político que fortalece a autonomia e o protagonismo surdo. Ao integrar esses conhecimentos ao currículo, a escola deixa de ser um espaço de imposição cultural para se tornar um ambiente de construção coletiva do saber, promovendo o reconhecimento da diversidade linguística e cultural como condição para uma educação de qualidade.

## 7 LUTA POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO

A luta dos sujeitos surdos transcende a simples busca por acessibilidade, constituindo-se como movimento político pedagógico que

questiona modelos educacionais homogeneizantes e reivindica uma educação bilíngue e intercultural. Assim, a presença ativa dos surdos na formulação de políticas educacionais, na formação de instrutores e na defesa da Libras como língua de instrução e de identidade, expressa a centralidade da autoria surda na construção de um projeto educacional verdadeiramente inclusivo.

Portanto, o diálogo entre os referenciais freireanos e a educação de surdos abre um campo promissor para novas reflexões, práticas e políticas que visem a formação crítica, a valorização da cultura surda e o combate às exclusões históricas que ainda atravessam a escola. É nesse horizonte de esperança crítica, afetuosidade e engajamento que a educação se realiza como prática verdadeiramente inclusiva.

A partir dessas reflexões de pesquisas pode-se então concluir que a educação e a política são aliadas na formação dos sujeitos para o exercício da cidadania, com isso a inclusão da pessoa surda, à luz do pensamento freireano, deve ser compreendida como um processo político e transformador. A prática pedagógica inclusiva exige o rompimento com abordagens tradicionais, autoritárias e silenciadoras, sendo a dialogicidade o método central para a construção de uma educação democrática. O diálogo promove não apenas a escuta, mas o reconhecimento do outro como sujeito de direitos, saberes e cultura.

O “esperançar” é o sonho coletivo pela inclusão equitativa, isso que move à ação, à resistência e à luta coletiva por justiça social, a resistir sobre às estruturas excludentes. Confirmando a potência da educação como caminho para a emancipação das pessoas surdas por meio da valorização da sua cultura.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de Paulo Freire para a educação inclusiva de pessoas surdas são uma pauta pouco dialogada nas pesquisas acadêmicas de dissertações e não há explorações a nível de doutorado. No entretanto as

poucas pesquisas que foram subsídio para esse artigo evidenciaram que o olhar socioantropológico para os sujeitos surdos é necessário para romper com prática capacitista, herança de uma educação mais tradicionalista que historicamente silenciou e invisibilizou as pessoas surdas.

O diálogo, o reconhecimento dos conflitos e a busca coletiva por soluções emergem como estratégias centrais para o consenso e harmonização de ideias para superar problemas, especialmente no que diz respeito à inclusão da pessoa surda. Neste sentido, há uma necessidade de mais incentivos políticos que promovam mais conteúdo anticapacitista nos serviços públicos e instituições de ensino, para isso, é necessário o “esperançar” orientado pelo diálogo e pela criticidade, incentive e amplie as investigações que unam o pensamento freireano às práticas inclusivas bilíngues, fomentando uma escola que seja, de fato, democrática e comprometida com a inclusão. É preciso criar possibilidades reais de transformação social.

Assim, reafirma-se a urgência de continuar construindo uma educação com base em tornar os problemas em possibilidades concretas de saberes e ações práticas de superação e emancipação para uma educação inclusiva de sucesso que acredite no potencial dos sujeitos surdos ao reconhecer as diferenças, que combata as desigualdades. O artigo finaliza com a compreensão da educação como um processo inacabado e emancipatório. O impacto da pandemia da COVID-19 trouxe novos desafios e também novas perspectivas para o fazer pedagógico, exigindo inovação, reconstrução e políticas públicas voltadas à inclusão e à acessibilidade comunicacional.

Dessa forma, à medida que a tecnologia avança exige-se pessoas cada vez mais com o poder de serem críticas e de contestar o conhecimento. Conclui-se que novas pesquisas são urgentes, especialmente aquelas que aliam práticas educativas inclusivas a um projeto político pedagógico comprometido com o anticapacitismo e ideias emancipatórias sobretudo em pesquisas acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosimeri Maria dos Santos. **O ensino e aprendizagem da língua portuguesa de criança com surdez no período de alfabetização.** 161 f. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal de Mato Grosso, 2022.

AQUINO, Jefferson Fernandes de. **Diccionario de conceitos históricos:** uma perspectiva inclusiva de abordagem metodológica no ensino de História para surdos e ouvintes' undefined

f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025

CARDOSO, Arina Costa Martins. **A produção de oficinas de animação na educação de surdos:** movimentos e possibilidades de uma proposta pedagógica visuoespacial' 150 f. Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIANOTTO, Adriano de Oliveira. **O protagonismo da pessoa surda do ponto de vista do desenvolvimento local**. 2020. 144 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2020.

LEBEDEFF, T. B. **Experiência visual e surdez**: Discussões sobre a necessidade de uma “Visualidade Aplicada”. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2017, p. 226-251. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/389>. Acesso em: 15 janeiro 2025.

MARTINS, Alexandra Ferreira Gouvea. **O processo de inclusão do aluno surdo que perpassa pela interação familiar**: os passos para a produção do DVD’ 28/07/2019 88 f. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, 2019.

MIGUEL, Rafael de Arruda Bueno José. **Estratégias de leitura do português usadas por alunos surdos jovens e adultos**. 150 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**. Língua Brasileira de Sinais . Porto Alegre: Penso, 2017.

SOUZA, Maria Fernanda Araujo; SILVA, Thais Oliveira da; LIRA, Darlene Seabra de. **Análise da acessibilidade de pacientes surdos nas unidades básicas de saúde de Penedo/AL**. In: CAMPELLO, Ana Regina e Souza et al. (org.). *Saberes interdisciplinares das pessoas surdas*. Formiga, MG: Editora MultiAtual, 2024. cap. 7, p. 110-128. ISBN 978-65-6009-125-2. DOI: 10.5281/zenodo.14556171.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Strobel. K. **In(ex)clusão dos surdos**: prática inter(cultural). 1. ed. 2008, 2. ed. 2009, 3. ed. 2014 e 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.